

Violência contra a mulher idosa: estado da arte

*Violence against elderly women:
state of the art*

*Violência contra mujeres de edad avanzada:
estado del arte*

Maria Elisa Gonzalez Manso
Ruth Gelehrter da Costa Lopes

RESUMO: Este artigo traz uma pesquisa “estado da arte”, cujo tema é a violência contra a mulher idosa, visando a trazer os aspectos que documentos oficiais e publicações científicas mundiais, somados a teses e dissertações brasileiras, têm refletido sobre a questão. A violência contra a pessoa idosa apresenta características sociais que fazem com que as mulheres sejam as maiores vítimas. Inscritas na cultura, as representações relacionadas ao gênero impõem a estas mulheres condições de vida que impactam no seu envelhecer.

Palavras-chave: Maus-tratos ao idoso; Violência de Gênero; Idoso.

ABSTRACT: *This article brings a “state of the art” research whose theme is violence against elderly women and aims to elaborate on which aspects official documents and scientific publications worldwide, alongside Brazilian theses and dissertations, have been reflecting to the topic. Violence against the elderly has social characteristics that lead to elderly women being its biggest victims. Ingrained in our culture, representations related to gender impose on these women conditions of life that impact their aging.*

Keywords: *Elder abuse; Gender Based Violence; Aged.*

RESUMEN: *Este artículo trae una investigación de "estado del arte", cuyo tema es la violencia contra las mujeres de edad avanzada, con el objetivo de mencionar los aspectos que los documentos oficiales y las publicaciones científicas en todo el mundo, sumados a las tesis y disertaciones brasileñas, han reflejado sobre la temática. La violencia contra las personas mayores tiene características sociales que hacen que las mujeres sean las mayores víctimas. Inscritas en la cultura, las representaciones relacionadas con el género imponen a estas mujeres condiciones de vida que afectan su envejecimiento.*

Palabras clave: *Maltrato al Anciano; Violencia de Género; Anciano.*

Introdução

Envelhecer pode ser considerado como um processo contínuo, que se inicia com o nascimento e termina com a morte, um entrelaçamento de componentes biológicos, psíquicos e sociais que se inter-relacionam, influenciam-se, mutuamente. A estes podem ser acrescentados os componentes transversais de gênero e cultura. Esta rede, assim tecida, faz com esse processo seja singular, propiciando diversas velhices e, também, diversos olhares para este processo.

Nesse contexto, surge o fenômeno da violência contra a pessoa idosa, que não é um problema recente, mas que vem adquirindo maior importância devido ao incremento, absoluto e relativo, do número de idosos no mundo. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2017), um em cada seis idosos sofre algum tipo de abuso no mundo.

Não há um consenso a respeito da definição do fenômeno violência; daí vários autores utilizarem o termo violências, que demonstraria seu caráter multifacetado e

complexo (Clemer, 2010). A percepção social da violência muda com o tempo, espaço geográfico e contexto social; portanto, o que é considerado um evento violento em um dado momento histórico, pode deixar de sê-lo em outro.

Uma cultura, uma sociedade, define, a cada momento, quais condutas aceita, tolera ou rejeita, independentemente se tais categorias estão, ou não, estabelecidas no aparato legal. Considera-se violência, portanto, quando um ato ou conduta ultrapassa um limite ou perturba acordos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa. É a percepção do limite e o sofrimento causado que vai fazer com que um ato seja dado como violento, percepção que varia cultural e historicamente (Paniza Prados, & Ortigosa Perochena, 2015).

A primeira definição que surge para a violência contra a pessoa idosa é dada pela Organização das Nações Unidas, ONU, em 2002 (Organização das Nações Unidas [ONU], 2002). É a definição mais aceita e universal para o fenômeno, tendo sido atualizada em 2010 pela Rede Internacional de Prevenção aos Maus-tratos contra Idosos – *International Network for Prevention on Elderly Abuse*, INPEA, que a indica como “[...] uma ação única ou repetida, ou ainda a ausência de uma ação devida, que cause sofrimento ou angústia, e que ocorra em uma relação em que haja expectativa de confiança” (International Network for Prevention on Elderly Abuse [INPEA], 2010).

Paniza Prados e Ortigosa Perochena (2015) destacam que os primeiros estudos sobre a temática da violência contra a pessoa idosa começaram nos Estados Unidos da América do Norte, E.U.A., na década de 70 do século passado. Em 2002, a partir do Plano de Madrid (ONU, 2002) e da Declaração de Toronto (OMS, 2002), passa a ser fenômeno reconhecido como um sério problema social, de dimensão mundial. Todos estes documentos destacam que as mulheres idosas são particularmente afetadas, sofrendo violências, tanto as ligadas ao processo de envelhecer, quanto as ligadas ao gênero.

Gênero é uma construção cultural, um conjunto de propriedades e funções que uma sociedade atribui aos indivíduos em virtude do sexo ao qual pertencem; portanto, é categoria social, cultural e historicamente construída. A violência de gênero tem suas raízes na construção cultural de modelos de masculinidade e feminilidade, bem como nas relações sociais entre homens e mulheres que, desde tempos antigos, implicam na subordinação destas. A sociedade apóia e reproduz a violência de gênero nas relações desiguais de poder, isto é, no poder econômico, político, simbólico e social desigual entre

homens e mulheres. E gera definições e papéis aceitos, influenciados por estereótipos, identidades e expectativas sobre o que homens e mulheres deveriam ser (Caudillo-Ortega, Hernández-Ramos, & Flores-Arias, 2017; Céldran, 2013; Hermosillo-Nuñez, 2014).

Violência de gênero implica nas normas e proibições que cada sociedade impõe a seus membros, generalizando-a por meio de instituições familiares, escolares, trabalhistas e religiosas (Caudillo-Ortega, Hernández-Ramos, & Flores-Arias, 2017). Neste contexto, durante muito tempo, as violências contra a mulher foram socialmente aceitas, com elevado grau de tolerabilidade, impregnando as identidades culturais de homens e mulheres. Isso faz com que, ainda hoje e apesar da legislação protetiva, muitas mulheres não se reconheçam vítimas de abusos (Clemer, 2010).

Assim, a violência é tida como parte da normalidade das relações entre homens e mulheres, o que justifica que mulheres e meninas sejam submetidas a espancamentos; abuso sexual; violência relacionada ao dote; estupro do marido; mutilação genital e outras práticas tradicionais; assédio e intimidação sexual no trabalho, em instituições educacionais e em outros ambientes; tráfico de mulheres e prostituição forçada (Hermosillo- Nuñez, 2014; ONU, 2014).

Portanto, haveria uma maior tolerabilidade social à violência contra a mulher idosa, duplamente vitimada, por ser mulher e por ser idosa. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo apresentar o estado da arte do tem violência contra a pessoa idosa, com ênfase em suas maiores vítimas: as mulheres. a violência contra a pessoa idosa, com ênfase em suas maiores vítimas: as mulheres.

Metodologia

Este artigo traz uma pesquisa que se insere nas produções denominadas “estado da arte”. O tema é a violência contra a mulher idosa, visando a trazer os aspectos que documentos oficiais e publicações científicas, somados a teses e dissertações, têm contribuído à temática, priorizando-se a análise da questão no Brasil e na região geográfica onde este país se insere: América Latina e Caribe.

O levantamento inclui materiais publicados entre os anos de 2009 e 2019; portanto, nos últimos 10 anos. Este recorte foi necessário devido à escassez de publicações (Comisión Económica para América Latina y Caribe [CEPAL], 2017).

Iniciou-se a revisão pela procura de artigos científicos originais nas bases de dados REDALYC (Rede de Revistas Científicas de América Latina e Caribe, Espanha e Portugal), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e MedLine (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*). Os Descritores em Ciência e Saúde (DeCS) selecionados foram idosas, envelhecimento, violência de gênero e maus-tratos, associados com o operador booleano “AND”, nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa.

Foram inclusos e analisados os artigos originais que contemplavam os seguintes critérios: (a) pesquisas sobre o tema violência contra a mulher idosa; (b) pesquisas sobre o tema violência contra a pessoa idosa, mas que permitiam individualizar, nos resultados, as mulheres; (c) pesquisa sobre o tema violência contra a mulher, porém analisadas por faixa etária; e (d) textos integralmente disponíveis nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Foram excluídos artigos que não abordavam esses critérios de inclusão, além das repetições. Atenderam a estes critérios de inclusão 29 artigos.

As teses e dissertações foram buscadas no Portal CAPES Brasil (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sendo incluídas duas que atendiam aos critérios de inclusão já explicitados. Nas bases de dados, foram ainda identificados três capítulos de livros. Sobre os documentos oficiais, foi realizada busca nas bases de publicações da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e Organização das Nações Unidas (ONU). Acrescentaram-se, assim, cinco documentos à revisão.

Toda a literatura levantada foi analisada quanto à pergunta da pesquisa: Como a literatura científica reflete o tema violência contra a mulher idosa? A apresentação dos resultados será realizada em um texto único, a fim de permitir a apreciação geral do tema.

Desenvolvimento

A grande maioria da literatura pesquisada analisa a violência contra a mulher idosa sob a *teoria da violência em rede*. Esta entende o fenômeno violência como resultante de uma rede na qual fatores sociais estruturais são reproduzidos nas relações intrafamiliares e sociais mais próximas. Assim, da mesma forma que a cultura patriarcal gera violência contra as mulheres, determina abusos para os que envelhecem. Nessa

perspectiva, a violência contra a pessoa idosa tem um nítido recorte de gênero, sendo influenciada pela socialização, de acordo com os sexos, e com a divisão sexista de recursos em todos os níveis da sociedade (Celdrán, 2013; Paniza Prado, & Ortigosa Perochena, 2015).

Dessa forma, as relações de poder e dominação impõem superioridade contra um inferior e a violência é, então, facilmente desencadeada. Os atos de violência que ocorrem no macrossocial têm um impacto no microssocial, uma vez que uma situação de violência generalizada é transferida para todas as áreas da sociedade, incluindo abusos de idosos nos domicílios e nas instituições. Quando uma superioridade é definida, os inferiores sofrem inevitavelmente as consequências dessa definição (Paniza Prado, & Ortigosa Perochena, 2015).

Esta teoria também examina a distinção comumente feita entre violência pública *versus* privada, sendo a última socialmente justificada como uma questão de família, não sendo permitidos atos de interferência externa. Caudilho-Ortega e colaboradores (2017) destacam que a privacidade do lar torna-se, na verdade, uma desculpa para ocultar os casos de violência.

É importante caracterizar os diferentes termos utilizados na literatura sobre a violência contra a mulher idosa, diferenciando violência doméstica e violência intrafamiliar. Miura *et al.* (2018) destacam que o termo violência doméstica é mais utilizado quando existe referência à violência de gênero. Já para a violência que ocorre contra a pessoa idosa, a qual acontece principalmente dentro dos domicílios, o termo a ser empregado é violência intrafamiliar. Esta última é caracterizada como a que causa qualquer dano físico, psicológico, sexual ou outro, produzido entre os membros da família, seja cônjuge ou parceiro, pai, filhos, e todos aqueles que se encontram permanentemente integrados ao agregado familiar (Huertas-Diaz, 2012).

Violência de gênero contra a mulher é considerada quando ocorre qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado, e engloba a violência doméstica, a violência intrafamiliar e a violência conjugal.

Já a violência conjugal é caracterizada como todo o tipo de agressão praticada contra cônjuge (mulher ou homem), companheira(o) ou namorada(o), independentemente de orientação ou identidade sexual (Clemer, 2010). As violências

que ocorrem em domicílio, na imensa maioria das vezes, tornam-se invisíveis para a sociedade, como já mencionado.

Independentemente do tipo de violência, sofrer abusos traz repercussões sociais, psicológicas e para a saúde da vítima, tais como morte, lesões graves, internações, *delirium*, ansiedade, desvalorização, depressão, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, sentimentos de incapacidade, dependência física, afastamento social e dependência do agressor. Além desses problemas, a violência de gênero traz ainda, diretamente, distúrbios ginecológicos e danos à saúde reprodutiva, e indiretamente, predispõe as vítimas a se exporem a riscos, tais como realização de sexo não seguro e consumo abusivo de álcool e outras drogas, capazes de acarretar doenças, tais como cânceres, HIV/AIDS, doenças cardíacas, doenças mentais, entre outras. O estresse pode levar estas mulheres até ao suicídio (Caudillo-Ortega, Hernández-Ramos, & Flores-Arias, 2017; CEPAL, 2015; ONU, 2014).

Pesquisa realizada em 12 cidades brasileiras mostra como as mulheres, vítimas de violência de gênero desde crianças, apresentam comportamentos autoagressivos, podendo culminar com o suicídio. A subjetividade dessas mulheres, constituída como dominada pelo outro, perpetua relacionamentos destrutivos e leva à reprodução de relações de dominação e exploração, o que vai progressivamente minando suas forças vitais (Meneguel, *et al.*, 2015).

Do ponto de vista macrossocial, a região da América Latina e Caribe é marcada por profundas desigualdades, que afetam principalmente o sexo feminino e as zonas rurais (CEPAL, 2017). Nota-se que as mulheres, não só na região, mas no mundo todo, constituem a maioria dos pobres, tendo *status* social inferior, menos direitos econômicos, acesso inadequado à educação e acumulam trabalho e desempenho de tarefas domésticas, o que compromete o seu envelhecer (Zahldl, 2012).

Na região, as mulheres têm ainda a menor cobertura previdenciária, sendo que há locais onde estas idosas recebem pensões com valores inferiores aos pagos aos homens de mesma idade. Outro ponto que caracteriza a Latino América são os fenômenos migratórios, de tal forma que as cidades apresentam maior expectativa de vida que o meio rural, onde o envelhecer se caracteriza por ser predominantemente feminino (CEPAL, 2017).

Este é um fenômeno mundial. Na África, mulheres idosas com moradia predominantemente rural, estão sujeitas a práticas culturais e crenças supersticiosas,

principalmente quando afetadas por demências. Nessas áreas, a demência é frequentemente percebida como ligada à bruxaria e não como uma doença, o que faz com que estas mulheres sejam intimidadas, espancadas, apedrejadas, queimadas e mortas (Sayagues, Muchanga, & Silva, 2011; Santos, & Lodovici, 2011; Silva, 2011), além do que a crença impede a busca de ajuda profissional. Como os lares que abrigam pessoas idosas com demência, nesses países, tendem a ser privados e caros, a assistência profissional à demência é praticamente inatingível para essas idosas pobres (Sossou, & Yogtiba, 2015; Mkhonto, & Hanssen, 2018).

O incremento da violência contra a mulher idosa nas zonas rurais também é relatado por estudo realizado com mulheres moradoras na zona rural chinesa (Hou *et al.*, 2018). A violência por parceiro íntimo apresentou elevada prevalência, sendo que agressões físicas, psicológicas e sexuais foram as mais frequentes, afetando principalmente as mulheres com baixa escolaridade e as mais pobres. O isolamento social foi o fator mais importante que determinou a violência, fator corroborado como determinante para a ocorrência de abusos por outra pesquisa realizada com mulheres em zonas rurais do Reino Unido, Irlanda, Austrália e Rússia, onde a prevalência de violência por parceiro íntimo ao longo da vida afetou entre 37% e 41% das mulheres participantes (Lokhmatkina *et al.*, 2015). Em estudo realizado no Rio Grande do Sul, Brasil, Costa, Lopes e Soares (2015) puderam perceber que a violência contra a mulher idosa, moradora da zona rural, ainda não se destaca nas agendas de políticas públicas, sendo fenômeno praticamente invisível aos gestores.

Na América Latina e Caribe, há ainda a violência contra pessoas idosas de grupos étnicos originários. Estes grupos são considerados vulneráveis, marginalizados, cultural e socialmente excluídos, porém, dentre estes grupos étnicos, o *status* das mulheres indígenas remete a uma situação na qual elas são as mais pobres entre os pobres, com acesso limitado à educação e a empregos bem-remunerados. A violência contra estas mulheres se mantém e se reproduz em redes de tradições e costumes, preceitos morais e religiosos e ignorância de direitos. Esta condição faz com que, por respeito aos costumes, elas não os denunciem (Caudillo-Ortega, Hernández-Ramos, & Flores-Arias, 2017).

A maioria das pesquisas que tratam da violência contra a pessoa idosa destacam que há mais violência contra as mulheres do que contra os homens mais velhos, o que não traduziria apenas a diferença numérica que existe entre homens e mulheres idosas, com o predomínio destas últimas (CEPAL, 2015; ONU, 2014; Ortiz-Chávez, & Arroyo-

Rueda, 2017; Touza Garma, & Prado Nóvoa, 2016). Assim, trata-se de uma violência com raízes na cultura, que se reproduz há milhares de anos, baseada em um esquema de dominação masculina, parte da cultura patriarcal. Os fatores macrosociais impõem desigualdades cumulativas às mulheres, principalmente às idosas, e corroboram que, efetivamente, não se trata apenas de uma questão numérica, mas sim relacionada ao gênero.

Idosas tendem a ter piores condições de envelhecimento quando comparadas com os homens, apresentando mais lesões relacionadas às quedas e maiores índices de demência e de depressão, o que as torna mais vulneráveis (Céldran, 2013; CEPAL, 2015). Muitas não têm acesso adequado aos cuidados de saúde e ainda subordinam suas necessidades às de suas famílias, têm menos oportunidade de formar contatos sociais, recebem nutrição inadequada, não têm renda suficiente, gastam mais tempo com trabalho físico duro, fatores que fazem com que envelheçam com mais incapacidades (Zahldl, 2012; ONU, 2014). Pesquisa realizada em cinco cidades: Kingston e Saint-Hyacinthe (Canadá), Tirana (Albânia), Manizales (Colômbia) e Natal (Brasil) demonstra que a exposição ao longo do curso da vida à violência está diretamente relacionada com a incapacidade na velhice (Guedes *et al.*, 2016).

Além dessas questões, as mulheres podem necessitar parar de trabalhar para cumprir seus papéis de gênero, de criar famílias, ou de se tornar cuidadoras de seus pais idosos; outras nunca têm acesso ao emprego remunerado, porque trabalham em tempo integral em funções de cuidadoras não remuneradas, cuidando de crianças, pais mais velhos, cônjuges e netos. Dessa forma, a prestação de cuidados familiares é, muitas vezes, obtida à custa da segurança e saúde do cuidador do sexo feminino (Zahldl, 2012; ONU, 2015).

Em relação aos maus-tratos entre casais idosos, trata-se de uma violência que segue a mesma construção cultural que ocasiona a violência de gênero, o que pode ter feito com que uma idosa tenha sido vítima desde a juventude. As mulheres idosas vítimas de violência conjugal, após anos de abuso, têm seu autoconceito e a autoestima afetados e sentem que, apesar de terem sofrido durante anos, principalmente na esperança de proteger a seus filhos, estes não reconhecem esse esforço, o que as deprime mais ainda. Temem também por terem que se tornar cuidadoras de seu par abusador (Celdrán, 2013).

Pesquisa realizada com mulheres idosas na Alemanha (Stöckl, & Penhale, 2014) ressalta que a violência por parceiro íntimo é pouco estudada entre este segmento etário.

Os autores revelam que a prevalência de violência sexual diminui com a idade, porém, abusos psicológicos e econômicos permanecem acontecendo. Na Austrália, o abuso econômico por parceiro tem um impacto significativo sobre a saúde das vítimas, entre as quais predominam as mulheres portadoras de incapacidades e doenças (Kutin, Russel, & Reid, 2017).

Em pesquisa multicêntrica, envolvendo pessoas idosas do Canadá, Albânia, Colômbia e Brasil, Guedes *et al.* (2015) demonstram que gênero, condições socioeconômicas, arranjos de vida multifamiliares, e baixo nível de apoio de parceiros, filhos e familiares, foram associados à violência psicológica contra mulheres, ocorrida no domicílio. Já em Lima, Peru, a dependência econômica da mulher idosa se destacou como importante fator propiciador de abusos, sendo que estas idosas tinham histórico de violência conjugal e foram vítimas, principalmente de violência psicológica (Martina, *et al.*, 2010).

As pesquisas selecionadas para esta revisão, permitem compor um perfil na América Latina e, portanto, Brasil, onde mulheres, de baixa escolaridade, agredidas no domicílio por familiares, são vitimadas, principalmente por abusos psicológicos e negligência. A adição às drogas e álcool pelo agressor do sexo masculino foi frequente, bem como a dependência financeira deste em relação às idosas (Aguiar, *et al.*, 2015; Alarcon *et al.*, 2019; Bolsoni, *et al.*, 2016; Carmo *et al.*, 2017; Hohendorff, *et al.*, 2018; Irigaray, *et al.*, 2016; Moraes Junior, & Alencar, 2018; Paraíba, & Silva, 2015; Rocha, Côrtes, Dias, & Gontijo, 2018; Rodrigues, 2015), Santos *et al.*, 2019).

A literatura destaca que o baixo número de denúncias, feito por essas mulheres idosas, parece refletir a construção cultural que faz com que não se percebam vítimas. Pesquisa realizada em dois municípios brasileiros: Campina Grande (Paraíba) e São Bernardo do Campo (São Paulo), encontrou que as mulheres idosas não consideram a violência intrafamiliar um abuso, mas que quando inqueridas, referiram negligências diárias: perda de liberdade; falta de alimentação, roupas, abrigo e ausência de cuidados médicos e de higiene adequadas. Para estas idosas, as situações de violência geram tristeza, medo, raiva, sofrimento, isolamento, além das lesões físicas por elas sofridas (Souto, *et al.*, 2015).

As pesquisas referem que existe uma tendência de a idosa não denunciar seus agressores, principalmente no caso da violência intrafamiliar, atribuindo razões que vão desde representações culturais ligadas à família e aos papéis sociais de seus membros;

influências religiosas; sentimento de autculpa e resignação; relações de afeto; sentimento de desproteção; dependência econômica e social do cônjuge; desesperança para com o futuro; pressão familiar pela manutenção do cuidado; construção cultural do que acontece em família e que deve ser resolvido nesse âmbito; medo de estigmatização por denunciar; medo da reação do parceiro violento; falta de locais para denunciar; vergonha e/ou falta de orientação adequada. Como a denúncia gera punição ao violador, pode levar ao afastamento da única pessoa que pode cuidar dessa idosa (CEPAL, 2016; Faleiros, Loureiro, & Penso, 2010; ONU, 2014; Touza Garma, & Prado Nóvoa, 2016).

Considerações Finais

A violência contra a pessoa idosa apresenta características sociais que fazem com que as mulheres idosas sejam as maiores vítimas. Inscritas na cultura, as representações relacionadas ao gênero impõem a estas mulheres papéis sociais que fazem com que sofram mais abusos em seus domicílios, junto a sua família, no ambiente do trabalho, nas relações sociais, nas instituições, na distribuição de renda e propriedades. Soma-se a este fato a violência simbólica associada à imagem do que é ser velho, expondo estas mulheres a serem vítimas de uma série de estereótipos. Assim, as mulheres vivem mais, mas em piores condições.

Ainda vivemos em sociedades nas quais o homem é considerado superior à mulher, construção cultural que pode ser considerada determinante e condicionante das desigualdades estruturais, às quais as mulheres idosas estão submetidas. Esta construção cultural torna o envelhecer uma desvantagem para as mulheres no mundo. Não se pode negar que ocorreram avanços, principalmente nos países e regiões mais desenvolvidas, mas as desigualdades persistem e são importantes.

Estudar a violência contra a mulher idosa perpassa pelo estudo de desigualdades cumulativas que afetam as mulheres e que ainda estão presentes na sociedade atual. Apesar de tema pouco estudado, espera-se, com esta pesquisa, ter contribuído para sua contextualização e destacado sua importância. Analisar o envelhecimento implica, também, em abordar questões de gênero, categoria que, junto com a cultura, é considerada determinante transversal, que permeia e molda a forma como as pessoas vivenciam as etapas que compõem seu ciclo de vida.

Referências

- Aguiar, M. P. C., Leite, H. A., Dias, I. M., Mattos, M. C., & Lima, W. R. (2015). Violência contra idosos: descrição de casos no Município de Aracaju, Sergipe, Brasil. *Escola Anna Nery*, 19(2), 343-349. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v19n2/1414-8145-ean-19-02-0343.pdf>.
- Alarcon, M. F. S., Damaceno, D. G., Lazarini, C. A., Braccialli, L. A. D., Sponchiado, V. B. Y., & Marin, M. J. S. (2019). Violência sobre a pessoa idosa: um estudo documental. *Rev. Rene*, 20, e41450. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: 10.15253/2175-6783.20192041450.
- Bolsoni, C. C., Coelho, E. B. S., Giehl, M. W. C., & d'Orsi, E. (2016). Prevalência de violência contra idosos e fatores associados, estudo de base populacional em Florianópolis, SC. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 19(4). Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150184>.
- Carmo, E. A., Souza, T. S., Nery, A. A., Vilela, A. B. A., & Martins Filho, I. E. (2017). Trend of Mortality from External Causes in Elderly. *J Nurs UFPE*, 11(Suppl. 1), 374-382. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11918/14411>.
- Caudillo-Ortega, L., Hernández-Ramos, M. T., & Flores-Arias, M. L. (2017). Análisis de los Determinantes Sociales de la Violencia de Género. México: *Revista Ra Ximhai*, 13(2), 87-96. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.redalyc.org/pdf/461/46154510007.pdf>.
- Celdrán, M. (2013). La violencia hacia la mujer mayor. *Papeles del Psicólogo*, 34(1), 57-64. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://www.papelesdelpsicologo.es/pdf/2171.pdf>.
- Clemer, E. G. (2010). Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: Almeida, M. G. B. (Org.). *A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe. CEPAL. (2015). *¡Ni una más! El derecho a vivir una vida libre de violencia en América Latina y el Caribe*. Recuperado em 15 de outubro de 2016, de: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/2870-ni-mas-derecho-vivir-vida-libre-violencia-america-latina-caribe>.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe. CEPAL. (2016). *Envejecimiento y institucionalidad pública en América Latina y el Caribe: conceptos, metodologías y casos prácticos*. Recuperado em 15 de outubro de 2016, de: http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40197/1/S1600435_es.pdf.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe. CEPAL. (2017). *Derechos de las personas mayores: retos para la interdependencia y autonomía. Comisión Económica para América Latina y el Caribe*. CEPAL: Santiago, Chile. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/41471-derechos-personas-mayores-retos-la-interdependencia-autonomia>.

Costa, M. C., Lopes, M. J. M., & Soares, J. (2015). Agendas públicas de saúde no enfrentamento da violência contra mulheres rurais – análise do nível local no Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1379-1387. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n5/pt_1413-8123-csc-20-05-01379.pdf.

Faleiros, V. P., Loureiro, A. M. L., & Penso, M. A. (2010). *O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa*. São Paulo, SP: Roca.

Gil, A. P., Santos, A. J., Nicolau, R., & Santos, C. (2015). Fatores de risco de violência contra as pessoas idosas: consensos e controvérsias em estudos de prevalência. *Configurações*, 16, 75-95. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://journals.openedition.org/configuracoes/2852>.

Guedes, D. T., Vafaei, A., Alvarado, B. E., Curcio, C. L., Guralnik, J. M., Zunzunegui, M. V., & Oliveira Guerra, R. O. (2016). Experiences of violence across life course and its effects on mobility among participants in the International Mobility in Aging Study. *BMJ Open*, 6(10). Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: 10.1136/bmjopen-2016-012339.

Guedes, D. T., Curcio, C. L., Llano, B. A., Zunzunegui, M. V., & Guerra, R. O. (2015). La brecha de género en violencia doméstica en adultos mayores en América Latina: el Estudio IMIAS. *Rev Panameric Salud Pub*, 37(4/5), 293-300. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://scielosp.org/article/rpsp/2015.v37n4-5/293-300/pt/>.

Hermosillo Núñez, P. C. (2014). “Ni Una Más”: *Microrrelatos contra la Violência de Género. ¡Basta! Cien Mujeres contra la Violência de Género*. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.redalyc.org/pdf/884/88452017014.pdf>.

Hohendorff, J. V., Paz, A. P., Freitas, C. P. P., Lawrenz, P., & Habigzang, L. F. (2018). Caracterização da violência contra idosos a partir de casos notificados por profissionais da saúde. *Rev. SPAGESP*, 19(2). Recuperado em 30 de julho de 2020, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702018000200006&lng=es&nrm=iso&tlng=pt.

Hou, F., Catherine Cerulli, C., Wittink, M. N., Caine, E. D., & Qiu, P. (2018). Using confirmatory factor analysis to explore associated factors of intimate partner violence in a sample of Chinese rural women: a cross-sectional study. *BMJ Open*, 8, e019465. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://bmjopen.bmj.com/content/8/2/e019465>.

Huertas Díaz, O. (2012). Violência intrafamiliar contra las mujeres. *Rev Logos, Cienc & Tecnol*, 4(1), 96-106. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: <https://doi.org/10.22335/rlct.v4i1.172>.

International Network for the Prevention of Elder Abuse. INPEA. (2010). Vancouver: INPEA, 2010. Recuperado em 20 de setembro, de 2020, de: <http://www.inpea.net/home.html>.

Irigaray, T. C., Esteves, C. S., Pacheco, J. T. B., Grassi-Oliveira, R., & Argimon, I. I. L. (2016). Maus-tratos contra idosos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul: um estudo documental. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 543-551. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000300017>.

Kutin, J., Russell, R., & Reid, M. (2017). Economic abuse between intimate partners in Australia: prevalence, health status, disability and financial stress. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 41(3). Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1753-6405.12651>.

Lokhmatkina, N. V., Agnew-Davies, R., Costello, C., Kuznetsova, O. Y., Nikolskaya, I. M., & Feder, G. S. (2015). Intimate partner violence and ways of coping with stress: cross-sectional survey of female patients in Russian general practice. *Family Practice*, 32(2), 141–146. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: 10.1093/fampra/cmu086.

Martina, M., Nolberto, V., Miljanovich, M., Bardales, O., & Gálvez, D. (2010). Violência hacia el adulto mayor: Centros Emergencia Mujer del Ministerio de la Mujer y Desarrollo Social. Lima-Perú, 2009. *Rev Peru Epidemiol*, 14(3), 186-192. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.redalyc.org/pdf/2031/203119676004.pdf>.

Meneghel, S. N., Moura, R., Hesler, L. K., & Gutierrez, D. M. D. (2015). Tentativa de suicídio em mulheres idosas – uma perspectiva de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(6), 1721-1730. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015206.02112015>.

Miura, P. O., Silva, A. C. S., Pedrosa, M. M. M. P., Costa, M. L., & Filho, J. N. N. (2018). Violência Doméstica ou Violência Intrafamiliar: Análise dos Termos. *Psicol. Soc*, 30, e179670. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30179670>.

Mkhonto, F., & Hanssen, I. (2018). When people with dementia are perceived as witches. Consequences for patients and nurse education in South Africa. *Journal of Clinical Nursing*, 27(2), e169-e176. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://doi.org/10.1111/jocn.13909>.

Moraes Júnior, J. R., & Alencar, F. O. (2018). Prevalência e fatores associados à violência contra idosos cometida por pessoas desconhecidas, Brasil, 2013. *Epidemiol. Serv. Saúde*, 27(2), e2017186. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742018000200009>.

Organização das Nações Unidas. ONU. (2002). *Plano de ação internacional sobre o envelhecimento, 2002*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/plano-de-acao-internacional-para-o-envelhecimento>.

Organização Mundial de Saúde. OMS. (2002). *The Toronto Declaration on the Global Prevention of Elder Abuse*. Geneva, Suíça: WHO. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://opas.org.br/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude/>.

Organização Mundial de Saúde. OMS. (2017). *Estudo revela que um em cada seis idosos sofre alguma forma de abuso no mundo*. Recuperado em 03 de janeiro de 2018, de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5447:novo-estudo-revela-que-um-em-cada-seis-idosos-sofre-alguma-forma-de-abuso&Itemid=820.

Organización das Nações Unidas, ONU. (2014). *Global Status Report on Violence Prevention. Genebra, Suíça: Organização das Nações Unidas, 2014*. Recuperado em 03 de setembro de 2015, de: <http://www.undp.org/content/dam/undp/library/corporate/Reports/UNDP-GVAviolence-2014.pdf>.

Ortiz Chávez, V., & Arroyo Rueda, M. C. (2017). Hombres Mayores Maltratados. Subjetividades y Retroalimentación Familiar de la Violencia. *Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana*, 12(24), 100-124. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.redalyc.org/pdf/2110/211053791004.pdf>.

Paniza Prados, J. L., & Ortigosa Perochena, J. C. (2015). El Maltrato a Las Personas Mayores desde el Paradigma de la Violencia. *Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales*, 20, 171-183. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: <https://doi.org/10.20932/barataria.v0i20.20>.

Paraíba, P. M. F., & Silva, M. C. M. (2015). Perfil da violência contra a pessoa idosa na cidade do Recife, PE. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 18(2), 295-306. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14047>.

Rocha, R. C., Côrtes, M. C. J. W., Dias, E. C., & Gontijo, E. D. (2018). Violência velada e revelada contra idosos em Minas Gerais. Brasil: análise de denúncias e notificações. *Saúde Debate*, 42(4), 81-94. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042018s406>.

Rodrigues, I. S. (2015). *Violência contra a pessoa idosa: realidades e desafios*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://docplayer.com.br/69669269-Ivalda-silva-rodriques-violencia-contra-a-pessoa-idosa-realidades-e-desafios.html>.

Santos, A. M. R., Nolêto, R. D. S., Rodrigues, R. A. P., Andrade, E. M. L. R., Bonfim, E. G., & Rodrigues, T. S. (2019). Violência econômico-financeira e patrimonial contra o idoso: estudo documental. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 53. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017043803417>.

Sayagues, M., Muchanga, S., & Silva, T. da. (2011). Vovós feiticeiras: algumas reflexões sobre tristes relatos de idosas moçambicanas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(3), 181-196. Recuperado em 30 novembro, 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10058/7488>.

Santos, D. de F. dos, & Lodovici, F. M. M. (2011). Pessoas idosas em Moçambique: com a palavra, Teresinha da Silva. [Entrevista]. *Revista Kairós- Gerontologia*, 14(6), 167-182. Recuperado em 30 de novembro de 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/11997/8690>.

Silva, T. da. (2011). Violência contra a pessoa idosa: do invisível ao visível. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(1), 65-78. Recuperado em 30 de novembro, 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6927/5019>.

Sossou, M. A., & Yogtiba, J. A. (2015). Abuse, Neglect, and Violence Against Elderly Women in Ghana: Implications for Social Justice and Human Rights. *Journal of Elder Abuse & Neglect*, 27(4-5), 422-427. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: 10.1080/08946566.2015.1091423.

Souto, R. Q., Merighi, M. A. B., Guruge, S., & Jesus, M. C. P. (2015). Older Brazilian women's experience of psychological domestic violence: a social phenomenological study. *International Journal for Equity in Health*, 14, 44. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: 10.1186/s12939-015-0173-z.

Stöckl, H., & Penhale, B. (2014). Intimate Partner Violence and Its Association with Physical and Mental Health Symptoms Among Older Women in Germany. *J Interpers Violence*, 30(17), 3089-3111. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: DOI: 10.1177/0886260514554427.

Touza Garma, C., & Prado Nóvoa, C. (2016). Factores de Riesgo asociados a los malos tratos a personas mayores según el género de las víctimas. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 289-299. Recuperado em 30 de julho de 2020, de: <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349851778032.pdf>.

Zahldl, S. (2012). Women and Ageing. In: Bread, J., et al. *Global population ageing: peril or promise?* Geneva, Suíça: World Economic Forum, 2012 Recuperado em 24 de setembro de 2012, de: <http://www.hsph.harvard.edu/pgda/working.htm>.

Recebido em 17/08/2020

Aceito em 30/10/2020

Maria Elisa Gonzalez Manso - Doutora em Ciências Sociais. Pós-doutorado e Mestrado em Gerontologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Médica. Master em Psicogerontologia Universidade Maimônides- Buenos Aires (AR). Professora titular curso de Medicina no Centro Universitário São Camilo SP.
E-mail: mansomeg@hotmail.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Doutora em Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Mestre em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Psicóloga. Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Curso de Psicologia.
E-mail: ruthgclopes@pucsp.br